

LUIZ CARLOS PRESTES

Patriota, revolucionário, comunista

ANITA LEOCADIA PRESTES

Copyright © 2006, by Editora Expressão Popular

Revisão: *Geraldo Martins de Azevedo Filho e Lais Oreb*

Projeto gráfico, capa e diagramação: *ZAP Design*

Impressão e acabamento: *Cromosete*

Fotos: *Iconographia e arquivo da família*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Prestes, Anita Leocádia

P936L Luiz Carlos Prestes : patriota, revolucionário, comunista /
Anita Leocádia Prestes --1.ed.-- São Paulo : Expressão
Popular, 2006
80 p. : il. --(Viva o povo brasileiro)

Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>
ISBN 85-7743-007-3

1. Prestes, Luiz Carlos, 1898-1990 - Biografia. 2. Militante
- Biografia. 3. Comunista - Biografia. I. Título. II. Série

CDD 21.ed. 320.92
320.532092

Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida sem a autorização da editora.

1ª edição: abril de 2006

1ª reimpressão: setembro de 2007

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR

Rua Abolição, 266 - Bela Vista

CEP 01319-010 – São Paulo-SP

Fone/Fax: (11) 3112-0941

vendas@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

“Luiz Carlos Prestes entrou vivo
no Panteon da História.
Os séculos cantarão a ‘canção de
gesta’ dos mil e quinhentos homens
da Coluna Prestes e sua marcha de
quase três anos através do Brasil.
Um Carlos Prestes nos é sagrado.
Ele pertence a toda a humanidade.
Quem o atinge, atinge-a.”

Romain Roland, 1936.

“Nenhum dirigente comunista da
América Latina teve uma vida tão
trágica e portentosa quanto
Luiz Carlos Prestes.”

Pablo Neruda

Viva o Povo Brasileiro – Perfis-Recortes

A Editora Expressão Popular apresenta sua nova coleção. Com ela, tornamos públicos personagens da nossa História que se destacaram nas mais diversas áreas e nos mais diversos tempos. São homens e mulheres que atuaram na política, nas letras, nas ciências, nas artes etc. – a maioria dos quais esquecidos intencionalmente ou apenas “escondidos” e fugazmente vislumbrados nas dobras das páginas das histórias oficiais.

São pequenos perfis, em muitos casos apenas “impressionistas”, em outros nem tanto, às vezes apoiados em pesquisas, ou apenas em memórias, que visam apresentar recortes que levem os leitores a um primeiro contato com esses personagens, despertando-lhes o interesse para futuros estudos e aprofundamentos.

Ao mesmo tempo, o conjunto da coleção comporá um mosaico de diálogos que integram nossa cultura.

Em sua primeira edição, a nova coleção apresenta aos leitores os seguintes personagens: Abreu e Lima, Gregório Bezerra, João Amazonas, Lima Barreto, Luiz Carlos Prestes, Luiz Gama e Luíza Mahin, Marçal de Souza, Roberto Morena.

Alípio Freire

Sumário

| | |
|---|----|
| Os primeiros anos | 9 |
| A Coluna Prestes e o exílio na Bolívia | 14 |
| O exílio na Argentina, Uruguai e União Soviética | 27 |
| Regresso ao Brasil, participação no movimento antifascista de 1935 e prisão | 31 |
| Campanha Prestes pela libertação dos presos políticos no Brasil. Falecimento de Leocadia Prestes | 37 |
| Saída da prisão, campanha para a Constituinte e eleição presidencial | 45 |
| Prestes – o senador mais votado da República | 48 |
| Dez anos de clandestinidade e a volta à atividade legal | 54 |
| O golpe de 64: clandestinidade e exílio | 58 |
| A anistia e o regresso à pátria. Os últimos anos | 62 |

Os primeiros anos

Luiz Carlos Prestes nasceu em 3 de janeiro de 1898, em Porto Alegre (RS). Seu pai, Antônio Pereira Prestes, seguiu a carreira militar e, ao falecer, com 38 anos de idade, era capitão de engenheiros do Exército. Homem progressista para seu tempo, foi um dos signatários dos célebres “pactos de sangue”, firmados pelos jovens oficiais que, sob a liderança de Benjamin Constant, integraram a “mocidade militar”, participando ativamente da proclamação da República.

Sua mãe, Leocádia Felizardo Prestes, era filha de Joaquim José Felizardo, próspero comerciante de Porto Alegre, integrante da maçonaria, abolicionista e republicano. A família Felizardo se tornara conhecida na cidade por cultivar valores culturais e humanistas. A mãe de Leocádia, Ermelinda Ferreira de Almeida, descendia da aristocracia portuguesa, mas se distinguia por ser uma pessoa de idéias abertas, que partilhava plenamente dos ideais de justiça social abraçados pelo marido. Já com cerca de 90 anos, quando seu neto Luiz Carlos esteve preso nos cárceres da ditadura Vargas,

revelou-se extremamente corajosa e decidida ao apoiá-lo com firmeza.

Leocadia, mulher avançada e culta para sua época, ainda muito jovem, escandalizou a família ao revelar o desejo de ser professora e trabalhar fora, o que na época era impensável para uma moça de seu nível social. Desde cedo, Leocadia manifestou interesse pelas artes, pela literatura e, também, pela política, interesse que, mais tarde, transmitiu aos filhos. Ao ficar viúva com filhos pequenos para criar, não hesitou em trabalhar, sustentando a família com sérias dificuldades. Começou a dar aulas de idiomas e música, trabalhou de modista, foi balconista e costurou para o Arsenal de Marinha. Finalmente, em 1915, conseguiu ser nomeada professora de escola pública, como coadjuvante do ensino primário, cargo que exerceu até 1930, quando viajou para o exterior. Trabalhava à noite, nos cursos noturnos destinados a comerciárias, operárias e domésticas.

Coragem e grande dignidade humana seriam traços marcantes da personalidade de Leocadia Prestes, na luta cotidiana pela sobrevivência e educação dos seus 5 filhos. A influência da mãe foi marcante na formação do caráter de Luiz Carlos Prestes, o que, mais tarde, seria sempre por ele reconhecido.

Órfão de pai, Prestes cresceu num ambiente de grandes privações, em que teve que assumir as atribuições

de chefe de família. Seus estudos foram feitos no Rio de Janeiro: no Colégio Militar e, posteriormente, na Escola Militar do Realengo, pois a carreira militar era a única opção para um jovem de família pobre, órfão de oficial do Exército. Seu curso foi marcado por inúmeras dificuldades econômicas, que exigiram grandes sacrifícios da mãe e das irmãs. Aos 22 anos, tendo se destacado pelo desempenho brilhante na Escola Militar, onde foi sempre primeiro aluno de sua turma, Luiz Carlos Prestes diplomou-se engenheiro militar.

Embora seu pai fosse simpático às idéias positivistas e possuísse a célebre “biblioteca positivista” – da qual constavam desde as obras dos principais filósofos da Antigüidade até as dos iluministas do século 18, como Diderot, Voltaire, Rousseau etc. – o jovem Luiz Carlos sofreu, acima de tudo, a influência da mãe, radicalmente contrária à doutrina positivista. A oposição de D. Leocadia ao positivismo foi uma das causas por que Antônio Pereira Prestes jamais chegou a ingressar oficialmente na igreja positivista. Dessa forma, o ambiente familiar contribuiu para que Luiz Carlos, leitor interessado dos autores clássicos da biblioteca deixada pelo pai, não se tornasse adepto da filosofia positivista. Aos 18 anos, sob a influência do professor de latim do Colégio Militar – Joaquim da Silva Gomes –, batizou-se na Igreja católica. Mas a religião seria logo por ele abando-

nada, na medida em que nela não encontraria resposta para suas variadas inquietações intelectuais.

A vida militar de Prestes foi muito curta, estendendo-se apenas de 1920 a 1924. Em fins de 1922 já havia atingido, por merecimento, a patente de capitão de engenheiros do Exército. Sua carreira militar esteve marcada por várias manifestações de protesto contra as irregularidades por ele observadas nas unidades onde serviu, primeiro no Rio de Janeiro, depois no Rio Grande do Sul. Por duas vezes solicitou demissão do Exército, a última às vésperas de levantar-se contra o governo Arthur Bernardes, visando criar a impressão de que abandonara definitivamente as Forças Armadas, o que viria a facilitar sua participação na conspiração dos “tenentes”.

Desde o episódio das “cartas falsas”,* em outubro de 1921, Prestes passa a atuar no movimento da jovem oficialidade militar, que ficaria consagrado na história

* As “cartas falsas”, então atribuídas ao candidato oficial à Presidência da República, Arthur Bernardes, foram publicadas no jornal carioca *Correio da Manhã*

como “tenentismo”. Participa ativamente da preparação do levante de 5/7/1922 no Rio de Janeiro, do qual não chega a tomar parte diretamente por se encontrar enfermo com tifo. Após o fracasso do movimento, Prestes é punido com a transferência para o Rio Grande do Sul, onde deve inspeccionar a construção de quartéis. Continua, entretanto, envolvido na conspiração tenentista. Com a revolta de 5/7/1924, em São Paulo, e a retirada dos rebeldes paulistas para o oeste do Paraná, ganha novo impulso a preparação do levante rio-grandense. O capitão Prestes é um dos conspiradores mais ativos, junto com os tenentes Aníbal Benévolo, Mário Portela Fagundes etc.

A Coluna Prestes e o exílio na Bolívia

Em 28 de outubro de 1924, começa o levante tenentista no Estado do Rio Grande do Sul. Logo a seguir, tem início a marcha rebelde que, mais tarde, entraria para a História como a Coluna Prestes (ou a Coluna Invicta) – episódio culminante do movimento tenentista.

Diante da grave crise estrutural (econômica, social, política, ideológica e cultural) que abalava a República no início dos anos 1920 – a crise do “pacto oligárquico” estabelecido entre os grupos oligárquicos dominantes –, os setores médios mostravam-se insatisfeitos com a falta de liberdade e as limitadas possibilidades de influir na vida política. Predispunham-se à revolta e a apoiar ações radicais contra o poder oligárquico. Faltavam-lhes, contudo, organização e capacidade de arregimentação para assumir a direção do movimento de rebeldia contra o poder oligárquico estabelecido.

A insatisfação no país era geral, mas foi a jovem oficialidade do Exército e da Marinha (os chamados “tenentes”) quem assumiu a liderança das oposições. O

tenentismo veio preencher o vazio deixado pela falta de lideranças civis aptas a conduzirem o processo de lutas que começava a sacudir as já caducas instituições políticas da Primeira República. Os “tenentes” assumiram as bandeiras de conteúdo liberal que, há algum tempo, já vinham sendo agitadas pelos setores oligárquicos dissidentes, dentre as quais se destacava a demanda do voto secreto, refletindo o anseio generalizado de liquidação da fraude eleitoral então em vigor. O que distinguia os “tenentes” das oligarquias dissidentes e dava ao seu liberalismo um caráter radical era a disposição de recorrer às armas na luta por tais objetivos.

A primeira revolta tenentista, rapidamente sufocada, tanto no Rio de Janeiro quanto no Mato Grosso – os únicos lugares em que chegou a ser deflagrada –, imortalizou-se pelo episódio do levante dos 18 do Forte de Copacabana, no dia 5/7/1922. Liderados pelo tenente Antônio de Siqueira Campos, um pequeno grupo de jovens militares marchou pela praia de Copacabana, de peito a descoberto, disposto a enfrentar os disparos das tropas governistas. Manchando de sangue as areias de Copacabana, os jovens foram trucidados. Apenas dois conseguiram sobreviver: os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes. O episódio repercutiu por todo o Brasil, apesar do estado de sítio e da censura à imprensa, decretados pelo Congresso Nacional. E os nomes dos

heróis do Forte tornaram-se símbolo do clima de revolta então existente contra os governos das oligarquias dominantes – os governos de Epitácio Pessoa e do seu sucessor Arthur Bernardes. Ambos representavam, no fundamental, os interesses das oligarquias cafeicultoras de São Paulo e Minas Gerais e, dada a grave crise que abalava as estruturas do regime republicano, adotavam políticas econômicas cada vez mais excludentes em relação aos grupos oligárquicos dos demais Estados da União e aos diversos setores da sociedade brasileira da época.

Em 5/7/1924, 2 anos após o levante de 1922, estourava a rebelião de São Paulo, inaugurando uma nova onda de revoltas tenentistas. Era o “segundo 5 de julho”. Levantaram-se vários grupamentos policiais e unidades do Exército sediados nesse Estado. O comando geral do movimento fora entregue pelos jovens rebeldes ao general reformado do Exército Isidoro Dias Lopes, que contava com a colaboração do major Miguel Costa, comandante da Força Pública de São Paulo (a polícia militar do Estado).

O objetivo do movimento era depor o presidente Arthur Bernardes, cujo governo transcorria, desde o início, sob estado de sítio permanente e sob vigência da censura à imprensa. Os rebeldes pretendiam substituir Bernardes por um político capaz de “moralizar os costumes políticos”. Lutava-se pelas mesmas demandas

de caráter liberal já levantadas em 1922: além do voto secreto, “representação e justiça”, moralização dos costumes políticos e, de uma maneira geral, o cumprimento dos preceitos liberais da Constituição de 1891.

Durante 3 semanas, os rebeldes resistiram ao cerco das tropas governistas à capital de São Paulo. Ante o dilema de serem derrotados pela superioridade militar das tropas governistas ou se retirarem para outra região, onde fosse possível rearticular o movimento, o general Isidoro optou pela segunda alternativa. Sempre perseguidos pelos adversários mais numerosos e bem armados, os rebeldes conseguiram chegar ao oeste do Estado do Paraná, onde se estabeleceram. Logo enfrentariam as tropas comandadas pelo general Cândido Mariano Rondon, que se havia oferecido a Arthur Bernardes para dar combate aos militares rebelados.

A conspiração tenentista prosseguiu durante todo o ano de 1924. Após o levante paulista, ela atingiu um ritmo mais acelerado no Rio Grande do Sul, Estado em que viria a contar com o apoio dos “maragatos” (os libertadores) liderados pelo rico fazendeiro Joaquim Francisco de Assis Brasil. As condições precárias dos rebeldes paulistas, cercados no Oeste do Paraná, contribuíram para aguçar o espírito de luta da jovem oficialidade comprometida com a chamada “revolução”, levando-a a se mobilizar em solidariedade aos companheiros de São Paulo.

O principal coordenador da conspiração militar no Rio Grande do Sul foi o tenente Aníbal Benévolo, jovem oficial da Brigada de Cavalaria de São Borja. Também foram importantes na deflagração do levante gaúcho o capitão Luiz Carlos Prestes e o tenente Mário Portela Fagundes. Ambos haviam servido no 1º Batalhão Ferroviário (1ºBF) de Santo Ângelo e mantido contato estreito e permanente com a tropa.

Na noite de 28 de outubro, levantou-se o 1º BF, sob o comando de Prestes e Portela, e, na madrugada do dia 29, algumas outras unidades militares nesse mesmo Estado. Ao mesmo tempo, vários caudilhos ligados a Assis Brasil aderiram ao levante. As tropas dos maragatos, de lenço vermelho no pescoço, incorporaram-se às diversas unidades rebeladas, constituindo um reforço para a “revolução” tenentista.

As forças governistas foram rapidamente mobilizadas e lançadas contra os rebeldes. Devido à falta de coordenação entre as unidades rebeladas e à espontaneidade de suas ações, em poucos dias estavam desbaratadas. A “revolução” conseguiu sobreviver apenas na região de São Luís Gonzaga: primeiro, pelo fato de a cidade se encontrar distante de qualquer linha férrea, o que, naquela época, dificultava o acesso das tropas governistas, retardando sua investida contra os rebeldes; segundo, por conta do papel decisivo do capitão Prestes na reorganização das tropas.

Na prática, Prestes passou a comandar não só o 1º BF, que viera com ele de Santo Ângelo, mas também os elementos militares e civis remanescentes dos diversos levantes ocorridos no Estado.

A atuação de Prestes no 1º BF, durante quase 2 anos, permitiu-lhe introduzir nessa unidade não só um novo tipo de instrução militar, mas também um novo tipo de relacionamento, até então desconhecido no Exército brasileiro, entre os soldados e o seu comandante. Assim, o jovem capitão, preocupado em garantir uma boa alimentação para a tropa, adotou uma série de medidas, por exemplo, a contratação de um padeiro e um cozinheiro. Organizou as atividades e o tempo dos seus subordinados de maneira que todos pudessem estudar, receber educação física e instrução militar, além de trabalharem na construção da linha férrea que ligaria Santo Ângelo a Giruá (RS). O próprio Prestes tornou-se professor e criou 3 escolas: uma para alfabetização e outras duas de primeiro e segundo graus. Em 3 meses, não havia mais anal-fabetos na companhia. Prestes não só comandou seus soldados mas também, ao mesmo tempo, trabalhava junto com eles, levando a mesma vida de seus subordinados. O jovem capitão conseguia estimular a iniciativa dos soldados, sem desprezar a disciplina, que era obtida com o exemplo do próprio comportamento e excluía a prática de qualquer tipo de violência. Em consequência, o pres-

tígio de Prestes se tornou enorme, garantindo a fidelidade do 1º BF na hora do levante.

Em São Luís Gonzaga, Prestes enfrentou a necessidade de organizar a resistência ao ataque inimigo em preparação. Foi assim que o 1º BF transformou-se na espinha dorsal da tropa rebelde, que ficaria conhecida como a Coluna Prestes.

Em dezembro de 1924, 14 mil homens, sob o comando do Estado-Maior governista, marchavam sobre São Luís Gonzaga. Formavam o chamado “anel de ferro”, com o qual se pretendia estrangular os rebeldes – cerca de 1,5 mil homens, armados precariamente e quase desprovidos de munição –, acampados em torno da cidade. O governo adotava a “guerra de posição” – a única tática que os militares brasileiros conheciam e que, de acordo com o modelo dos combates travados durante a I Guerra Mundial, consistia em ocupar posições, abrindo trincheiras e permanecendo na defensiva, à espera do inimigo. Ou, então, quando as posições inimigas estavam localizadas, definia-se o “objetivo geográfico” para onde se deveria marchar, com a meta de cercar o adversário, tendo como paradigma o famoso sítio de Verdun, que durara meses, no ano de 1916, quando se defrontaram os exércitos da Alemanha e da França.

Prestes, assessorado por Portela, põe então em prática a “guerra de movimento” – uma espécie de luta de

guerrilhas, então uma novidade para o Exército brasileiro. O rompimento do cerco de S. Luís pelos rebeldes e a marcha vitoriosa da Coluna comandada por Prestes em direção ao norte, visando socorrer os companheiros de São Paulo, cercados pelas tropas do general Rondon, constituiu a primeira grande vitória da nova tática militar imaginada por Prestes.

Em 12/4/1925, na cidade paranaense de Foz do Iguaçu, deu-se o encontro histórico das tropas gaúchas com os rebeldes paulistas. A proposta de Prestes de prosseguir na luta, dando continuidade à Marcha rebelde, acabou prevalecendo. O principal objetivo era manter acesa a chama da rebeldia tenentista e, com isso, atrair as forças inimigas para o interior do país – o que poderia contribuir para o êxito dos “tenentes”, que conspiravam no Rio de Janeiro e em outras capitais, preparando novos levantes.

Após a junção das colunas paulista e gaúcha, as tropas rebeldes foram reorganizadas, criando-se a 1ª Divisão Revolucionária, constituída pelas brigadas “São Paulo” e “Rio Grande”, sob o comando do major Miguel Costa, o oficial de maior patente, promovido a general-de-brigada pelo general Isidoro. Ao todo, a divisão contava com menos de 1,5 mil combatentes, sendo 800 da coluna gaúcha e os restantes da coluna paulista. Havia cerca de 50 mulheres, entre gaúchas e paulistas, que, na maioria dos casos, acompanhavam seus maridos e companheiros.

A formação da 1ª Divisão Revolucionária representou a vitória da perspectiva aberta por Prestes de os rebeldes atravessarem o rio Paraná e marcharem para Mato Grosso, dando continuidade à “revolução” tenentista. Enquanto as tropas paulistas haviam sofrido uma séria derrota em Catanduvas (PR), a Coluna Prestes vinha do Sul coberta de glórias. Nessas circunstâncias, Prestes teria um papel destacado à frente da 1ª Divisão Revolucionária. O general Miguel Costa tornara-se o comandante-geral, mas, reconhecendo a competência e o prestígio de Prestes, entregou-lhe, na prática, o comando da Coluna. A Coluna Prestes, que nascera no Rio Grande do Sul, partiu do Paraná revigorada pela junção com os rebeldes que se haviam levantado em São Paulo, em 5/7/1924.

A Coluna, além de mal-armada (não dispoñdo de fábricas de armamento e munição), não contava com uma retaguarda que assegurasse o abastecimento da tropa. Baseado na experiência do 1º BF, Prestes transformou a tropa rebelde num exército, em que vigorava a disciplina militar e, ao mesmo tempo, era estimulada a iniciativa dos soldados. Sem uma disciplina rigorosa e um comando único e centralizado, as forças rebeldes seriam desbaratadas. Mas, sem a participação ativa de cada soldado, sem a compreensão, de parte de cada um deles, de que a luta era pela libertação do Brasil do governo despótico de Arthur Bernardes, seria impossível

garantir a sobrevivência de uma força armada tão diferente: não havia soldo, nem pagamento de qualquer espécie, ou vantagens de qualquer tipo, e se exigia, para permanecer em suas fileiras, um grande espírito de sacrifício e muita disposição de luta.

A experiência dos maragatos foi valiosa na organização das forças rebeldes. Adotou-se, por exemplo, o método gaúcho de arrebanhar animais, as “potreadas”: pequenos grupos de soldados se destacavam da tropa em busca não só de cavalos para a montaria e de gado para a alimentação, mas também de informações, que eram transmitidas ao comando. Esses dados constituíram elementos valiosos para a elaboração de mapas detalhados sobre cada região atravessada pelos rebeldes, permitindo que a tática da Coluna fosse traçada com precisão e profundo conhecimento do terreno. Assim, reduziam-se os riscos de que os rebeldes acabassem pegos de surpresa pelo inimigo. Na verdade, era a Coluna Prestes que, com seus lances inesperados, surpreendia as forças governistas. As potreadas consistiam num fator fundamental para desenvolver a iniciativa e o espírito de responsabilidade dos soldados. Nas palavras de Prestes, foram “os verdadeiros olhos da Coluna”.

A Coluna não se poderia transformar num exército revolucionário, movido por um ideal libertário, se não incutisse em seus combatentes uma atitude de respei-

to e solidariedade em relação ao povo com quem mantinha contato. Qualquer arbitrariedade era punida com grande rigor; em alguns casos de maior gravidade, chegou-se ao fuzilamento dos culpados, principalmente quando houve desrespeito a famílias e, em particular, a mulheres. Da mesma forma, não se admitiam saques ou atentados gratuitos à propriedade.

A Coluna Prestes durou 2 anos e 3 meses, percorrendo cerca de 25 mil quilômetros através de 13 Estados do Brasil. Jamais foi derrotada, embora tenha combatido forças muitas vezes superiores em homens, armamento e apoio logístico, tendo enfrentado ao todo 53 combates. Os principais comandantes do Exército nacional não só não puderam desbaratar a Coluna Prestes, mas também sofreram pesadas perdas e sérios reveses impostos pelos rebeldes durante sua marcha. A Coluna, em seu périplo pelo Brasil, derrotou 18 generais.

Ao adotar a tática da “guerra de movimento”, a Coluna Prestes garantiu a própria sobrevivência em condições que lhe eram extremamente desfavoráveis. E, mais, transformou-se num exército com características populares. Paralelamente, forjou um novo tipo de combatente, de soldado da liberdade, que se batia por um ideal, e também formou líderes de envergadura que vieram a influir decisivamente nos acontecimentos posteriores.

Dado o fracasso governista no combate à Coluna Prestes, ela poderia continuar percorrendo o país, tirando proveito de sua mobilidade extrema, a grande arma que a tática da “guerra de movimento” lhe conferia. Mas Prestes compreendeu que havia chegado a hora de mudar de tática. Uma nova visão do Brasil – que ele adquirira durante a marcha, ao se deparar com a miséria em que vegetava a maior parte da população do país – contribuiu para essa conclusão. Dessa forma, o comando da Coluna tomou a decisão de partir para o exílio, ingressando na Bolívia em 3/2/1927. Como assinalou o cronista da Marcha, Lourenço Moreira Lima, “não vencemos, mas não fomos vencidos”.

Apesar das dificuldades, os rebeldes chegaram à Bolívia com o moral elevado, cômicos de que haviam cumprido o seu dever, sem nada receber em troca. Os comandantes e soldados da Coluna partiram para o exílio num estado de absoluta pobreza, enquanto os generais governistas tinham enchido os bolsos às custas do erário público, que lhes oferecera verbas generosas para liquidar os revoltosos. A Coluna, praticamente desarmada, contando apenas 620 homens, havia vencido todos os embates com as forças governistas.

Os soldados rebeldes foram os desbravadores do caminho que minou os alicerces da Primeira República. A sobrevivência da Coluna Prestes constituiu um

fator decisivo para que, em diversos pontos do país, eclodissem levantes tenentistas. Embora essas revoltas militares – que sempre contaram com a colaboração de civis – tivessem sido esmagadas, a Coluna Prestes contribuiu para que, durante vários anos, fosse mantido um clima “revolucionário” no país, favorável à germinação das condições que levaram ao colapso da República Velha e à vitória da chamada Revolução de 30, propiciando o início de uma nova etapa no desenvolvimento capitalista no Brasil.

A Marcha da Coluna e o impacto causado em Prestes pela situação deplorável em que viviam as populações do interior do Brasil o levaram à conclusão de que a simples mudança de homens no poder não seria a solução para os graves problemas do país. Distintamente dos seus companheiros da Marcha, decidiu se voltar para o estudo da realidade brasileira, em busca das causas dos graves problemas sociais que afetavam o seu povo. No exílio, primeiro na Bolívia, e posteriormente na Argentina e no Uruguai, Prestes daria início ao estudo das obras de K. Marx, F. Engels e V. Lenin.

Anos mais tarde, Luiz Carlos Prestes viria a se transformar na principal liderança do movimento comunista no país. A Coluna Prestes gerara o líder mais destacado da revolução social no Brasil.

O exílio na Argentina, Uruguai e União Soviética

No exílio, Prestes é promovido a líder máximo dos “tenentes”, que o haviam designado “chefe militar da revolução tenentista”, uma vez que a conspiração tenentista prosseguia. Prestes, já então proclamado “Cavaleiro da Esperança” pela imprensa carioca, refletindo o enorme prestígio por ele adquirido à frente da Coluna Invicta, era procurado por representantes dos mais diversos setores do mundo político brasileiro e da opinião pública nacional, interessados em conquistar seu apoio para os objetivos que perseguiram naquele momento de crise do sistema oligárquico então existente no Brasil. Tinha lugar uma verdadeira romaria de políticos e jornalistas a Buenos Aires, onde Prestes, desde abril de 1928, vivia e lutava pela sobrevivência com grandes dificuldades. Na sua maioria, queriam que o Cavaleiro da Esperança emprestasse seu nome para a propaganda dos setores de oposição que iriam afinal se congregarem, em 1929, em torno da plataforma lançada pela chapa da Aliança Liberal, com vistas às eleições presidenciais de março de 1930.

Ao mesmo tempo, Prestes aproveitava todos os momentos livres para estudar, embora trabalhando duro no comércio, seja de cabos de vassoura, seja de outros artigos como café ou erva-mate, numa conjuntura de grave crise econômica mundial e de desemprego generalizado.

O contato com o marxismo causaria um forte impacto no Cavaleiro da Esperança. Ao cabo de um duro processo de revisão de suas concepções ideológicas, Prestes encontraria no marxismo não só a explicação que buscava para suas indagações e inquietações, mas também a solução para os problemas que ele pudera detectar na vida brasileira. Prestes aderiu de corpo e alma ao marxismo, ao socialismo e ao comunismo e, principalmente, à proposta da revolução socialista no Brasil.

A campanha eleitoral de 1930, com o lançamento da candidatura de Getúlio Vargas pela Aliança Liberal, serviria de marco divisório entre Prestes e seus antigos companheiros. Enquanto a maioria esmagadora dos “tenentes” aderiu à Aliança Liberal, liderada por Vargas, Prestes não se deixou envolver, assumindo uma postura de denúncia do caráter dessa aliança: realizar mudanças na cúpula, garantindo os interesses dos setores oligárquicos até então preteridos, sem, contudo, permitir que se trilhasse um caminho de reformas econômico-sociais, capazes de atender aos anseios de amplos setores populares.

Às vésperas do movimento armado de 1930, o Cavaleiro da Esperança tornava público seu famoso “Manifesto de Maio”. Nesse documento, Prestes rompia abertamente com os “tenentes”, denunciando o adesismo destes aos grupos oligárquicos liderados por Vargas e descontentes com a escolha de Júlio Prestes para o seguinte quadriênio presidencial. Luiz Carlos Prestes apresentava um programa de transformações revolucionárias de caráter democrático, antilatifundiário e antiimperialista, cuja realização deveria constituir a primeira etapa – denominada de democrático-burguesa ou agrária e antiimperialista – da revolução socialista no Brasil. Era uma proposta inspirada diretamente nos documentos do Partido Comunista do Brasil (PCB) e da Internacional Comunista (IC),* com os quais Prestes mantinha contato desde o início do seu exílio. O Cavaleiro da Esperança tornava-se comunista sem ter sido ainda aceito pelo PCB.

Em 1931, Prestes, a convite da Internacional Comunista, parte com a mãe e as irmãs para a URSS, onde é contratado como engenheiro. Participa ativamente da construção do socialismo nesse país, que atravessa os difíceis anos do 1º plano quinquenal. Ao mesmo tempo,

•

Prestes dedica-se ao estudo do marxismo, mantendo contato com a seção latino-americana da IC e com dirigentes dos partidos comunistas desse continente, buscando conhecer melhor a luta dos povos latino-americanos.

O contato direto com a realidade soviética viria a contribuir decisivamente para que Prestes se tornasse comunista convicto. Entretanto, só em agosto de 1934, ele é aceito no PCB, que até então relutara em inscrevê-lo nas fileiras de sua organização, temeroso do grande prestígio do Cavaleiro da Esperança. No final desse mesmo ano, Prestes parte para o Brasil clandestinamente, pois o governo Vargas havia instaurado contra ele um processo de deserção do Exército. Se Prestes desembarcasse legalmente no país, correria o risco de ser preso.

Regresso ao Brasil, participação no movimento antifascista de 1935 e prisão

Em abril de 1935, Prestes, por iniciativa própria, regressa ao Brasil para participar da luta contra o fascismo e o integralismo de Plínio Salgado. Em 30 de março daquele ano, no teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, num grande ato público, Prestes fora aclamado presidente de honra da Aliança Nacional Libertadora (ANL) – uma ampla frente única, que se propunha a lutar contra o imperialismo, o latifúndio e a ameaça fascista que pairava sobre o Brasil, com o avanço do movimento integralista. Seu lema – “Pão, Terra e Liberdade” – mobilizou grandes contingentes populares no país, assim como diversificados setores da opinião pública nacional.

Naquele ano de 1935, a figura de Prestes viria a desempenhar um papel histórico importante – congregar em torno da ANL grande parte dos setores da nação insatisfeitos de uma maneira geral com o governo Vargas e o processo como haviam sido conduzidos os trabalhos da Constituinte de 1934 e a elei-

ção de Vargas para a presidência da República, mas também com a dominação imperialista do país e a força do latifundismo, com o avanço do integralismo e as medidas antidemocráticas adotadas pelo governo, como a Lei de Segurança Nacional. O Cavaleiro da Esperança, embora inicialmente distante do país e posteriormente vivendo na clandestinidade, sintetizava em sua figura os anseios de todos esses setores, que, em maio de 1930 – quando foi lançado seu famoso Manifesto de rompimento com o tenentismo –, não o havendo compreendido, lhe haviam dado as costas.

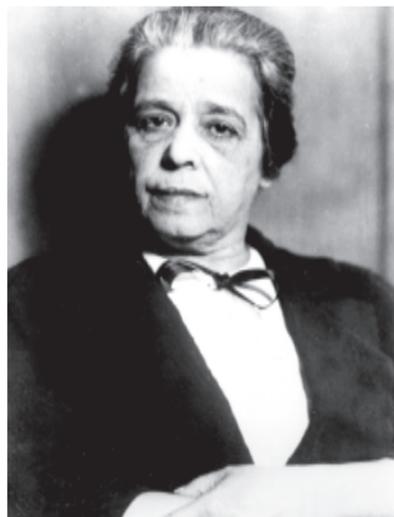
Em pouco menos de 3 meses e meio de vida legal, a ANL chegou a fundar mais de 1,6 mil núcleos em todo o território nacional, atingindo na capital da República 50 mil inscritos e, na cidade de Petrópolis (RJ) 2,5 mil aderentes, segundo Roberto Sisson, secretário-geral da entidade. Afonso Henriques, secretário do Diretório Municipal do Rio de Janeiro, escreveu que o quadro social da ANL estava, em maio de 1935, aumentando numa média de 3 mil membros por dia. De acordo com dados fornecidos por Caio Prado Júnior, presidente do Diretório Estadual de São Paulo, a ANL, no momento de seu fechamento, no início de julho de 1935, contava nacionalmente com um número de militantes que variava entre 70 e 100 mil.

A ANL transformou-se numa grande frente formada tanto através de adesões individuais de destacadas personalidades da cultura, da ciência e da política, quanto de organizações populares, sindicais, femininas, juvenis, estudantis, democráticas etc. Sua composição estava marcada pela presença de setores das camadas médias urbanas, de segmentos do movimento operário e de jovens militares, oriundos em grande parte das lutas tenentistas dos anos de 1920.

A atuação da ANL se caracterizava pela organização de grandes atos públicos, caravanas aos Estados do Norte-Nordeste, pela participação em lutas de rua contra os integralistas, pela publicação e vasta distribuição de boletins, volantes e jornais aliancistas. No Rio de Janeiro, *A Manhã* *A Platéia*

Campanha Prestes pela libertação dos presos políticos no Brasil. Falecimento de Leocadia Prestes











Saída da prisão, campanha para a Constituinte e eleição presidencial

Prestes – o senador mais votado da República

Dez anos de clandestinidade e a volta à atividade legal

O golpe de 64: clandestinidade e exílio

A anistia e o regresso à pátria. Os últimos anos

•

•

Bibliografia

- BASTOS, A. Prestes e a revolução social. Rio de Janeiro, Calvino, 1946.
- CARONE, E. Classes sociais e movimento operário. São Paulo, Ática, 1989.
- _____. Brasil: anos de crise (1930-1945). São Paulo, Ática, 1991.
- LEITE, E.L. “Luiz Carlos Prestes e o nosso acerto com a História”. Cultura Vozes, Petrópolis, vol. 92, nº 2, pp. 104-111, março-abril de 1998.
- _____. “Luís Carlos Prestes e o nosso senso de dever”. Novos Rumos, São Paulo, nº 29, pp. 46-57, verão de 1999.
- LÖWY, M. (org.). O marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1999.
- PINHEIRO, P. S. Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil, 1922-1935. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.
- PRESTES, A. L. “A que herança devem os comunistas renunciar?” Oitenta, Porto Alegre, vol. 4, pp. 197-223, novembro de 1980.
- _____. A Coluna Prestes. 4ªed. São Paulo, Paz e Terra, 1997.
- _____. Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35). Petrópolis, Vozes, 1997.
- _____. “Uma estratégia da direita: acabar com os ‘mitos’ da esquerda (A propósito do filme documentário ‘O Velho – A

- história de Luiz Carlos Prestes’). Cultura Vozes, Petrópolis, vol. 91, nº 4, pp. 51-62, julho-agosto de 1997.
- _____. Da insurreição armada (1935) à “União Nacional” (1938- 1945): a virada tática na política do PCB. São Paulo, Paz e Terra, 2001.
- _____. “O golpe de 29/10/1945: derrubada do Estado Novo ou tentativa de reverter o processo de democratização da sociedade brasileira?”. In SILVA, F.C.T. da; MATTOS, H. M. e FRAGOSO, J. Escritos sobre história e educação: homenagem à Maria Yedda Leite Linhares. Rio de Janeiro, Mauad, FAPERJ, 2001.
- _____. “80 anos do PCB: Luiz Carlos Prestes e o comunismo no Brasil (1930-1945) – Primeira parte”. Cultura Vozes, Petrópolis, vol. 97, nº 2, pp. 73-89, 2003.
- _____. “1945: Luiz Carlos Prestes e a luta do PCB contra o golpe e pela Assembléia Constituinte – Segunda parte”. Cultura Vozes, Petrópolis, vol. 97, nº 3, pp. 80-88, 2003.
- PRESTES, A. L. e PRESTES, L. (org.). Anos Tormentosos. Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945). Vol.1. Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), 2000.
- _____. (org.). Anos Tormentosos. Luiz Carlos Prestes: correspondência da prisão (1936-1945). Vol. 2 e 3. Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ); São Paulo, Paz e Terra, 2002.
- PRESTES, L. C. Problemas atuais da democracia. Rio de Janeiro, Vitória, s/d.
- _____. Carta aos comunistas. São Paulo, Alfa-Omega, 1980.
- _____. “Como cheguei ao comunismo”. Cultura Vozes, Petrópolis, vol. 92, nº 2, pp. 137- 151, março-abril de 1998.
- _____. “Entrevista a Edgard Carone”. Novos Rumos, São Paulo, ano 15, nº 33, Encarte, 2000

- SANTANA, Marco Aurélio. Homens partidos; comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo, Boitempo Ed.; Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2001.
- VIANNA, M. de A. G. Revolucionários de 35: sonho e realidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

Sobre a autora

Livros da Expressão popular

Realidade brasileira

A história da luta pela terra e o MST

A linguagem escravizada

A questão agrária no Brasil –

O debate tradicional: 1500-1960

A questão agrária no Brasil –

O debate na esquerda: 1960-1980

A questão agrária no Brasil

Programas de reforma agrária: 1946-2003

Belo Monte: uma história da guerra de Canudos

História das idéias socialistas no Brasil

Mato, palhoça e pilão - O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004) –

Pedagogia do Movimento Sem Terra

Tiradentes, um presídio da ditadura

Clássicos

A hora obscura

A nova mulher e a moral sexual

Che Guevara – política

Clássicos sobre a revolução brasileira

Estratégia e tática

Florestan Fernandes – sociologia crítica e militante

Fundamentos da escola do trabalho

Gramsci – poder, política e partido

Marx e o socialismo

O papel do indivíduo na história

Reforma ou revolução?

Sobre a prática e sobre a contradição

Teoria da organização política I

Trabalho assalariado e capital & Salário, preço e lucro

História do socialismo e das lutas sociais

Imagens da revolução – Documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961-1971

Anton Makarenko – Vida e Obra

Florestan Fernandes – Vida e Obra

Lenin – Coração e mente

Mariátegui – Vida e obra

O pensamento de Che Guevara

Paulo Freire – Vida e obra

Rosa Luxemburgo – Vida e obra

Ruy Mauro Marini – Vida e obra

A esquerda militar no Brasil

A rebelião dos marinheiros

*Políticas agrárias na Bolívia (1952-1979) – Reforma ou
revolução?*

A mãe

Aqui as areias são mais limpas

Assim foi temperado o aço

Contos

Os mortos permanecem jovens

Week-end na Guatemala

A dialética do trabalho

A liberdade desfigurada

Marx e a Técnica

O ano vermelho

O olho da barbárie

O trabalho atípico e a precariedade

*Toyotismo no Brasil – Desencantamento da fábrica,
envolvimento e resistência*

Trabalho e trabalhadores do calçado

Imperialismo e resistência

A história me absolverá

As tarefas revolucionárias da juventude

As três fontes

Sobre a evolução do conceito de campesinato –

PEDIDOS
www.expressaopopular.com.br
(11) 3105.9500